DESTERRITORIALIZAÇÕES E RETERRITORIALIZAÇÕES NA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA

Sandro Silva de Andrade / Mestrando PPGAV – UFPEL

RESUMO
O presente artigo procura dar a ver o caráter processual de uma pesquisa de Mestrado em Artes Visuais vinculado à linha de pesquisa de arte-educação. Tal investigação é de cunho autobiográfico, onde busquei adaptar algumas vezes a vida à pesquisa, quando o contrário é que tem razão de ser. Conectar-se ao fluxo da vida para assim investigar questões que se colocam à luz (e sombras) da subjetividade. Em consonância com métodos investigativos contemporâneos no que tange à subjetividade, como cartografia, escritas de si, e principalmente a a/r/tografia, pude dar um sentido às diferentes trilhas percorridas, até então, no Mestrado e assim suturar propostas que em determinado momento pareciam tão díspares: figura heróica nos quadrinhos, fanzines em sala de aula, narrativas autobiográficas.

PALAVRAS-CHAVE
autobiografia; docência como poética, história em quadrinhos.

ABSTRACT
This article seeks to give to see the procedural character of a Master's research in Visual Arts linked to art education research line. Such research is autobiographical nature, which sought to adapt sometimes life to the research, when the opposite is what is right to be. Connect to the flow of life so as to investigate issues facing the light (and shadow) of subjectivity. In line with contemporary investigative methods in relation to subjectivity, such as mapping, written them, and especially a / r / graphy, I could give a sense of the different trails covered, until then, the Master and so suturing proposed that at one point seemed as disparate: heroic figure in the comics, fanzines in the classroom, autobiographical narratives.

KEYWORDS
autobiography; teaching as poetry, comics.

Brumas

A corda bamba paira sobre um abismo.

Um abismo entre os extremos da razão e do sonho.

Cambiante, incerto e mutável é o caminhar sobre a corda, ora mais inclinado para um lado, ora para outro. Ora manejando determinados conceitos, ora outros antagônicos ou contraditórios. E, no entanto, é a firmeza contrapesada do equilibrista/artista/pesquisador que mantém viva (mas nunca totalmente segura) sua travessia.

Nesse tempo em suspensão, o caminhante e o caminho não se distinguem, pois se fundem no ato de caminhar, que é o fluxo contínuo da "onda pré-existente". E os intercessores, as interações com o meio, vão se dar a todo o tempo e agir diretamente na travessia, conforme coloca Angela Pohlmann:

> Não há ponto de partida assim como não há ponto de chegada. Inserir-se em uma onda pré-existente é sentir a vaga para entrar na corrente. É perceber o fluxo para conectar-se nele. (POHLMANN, 2008)

O vento que se avizinha, sóis e chuvas inclementes, brisas adocicadas e o sal do suor que escorre até a boca. Todos influenciam a jornada, cujo objetivo final pode não mais ser a chegada ao outro extremo, antes almejado, mas um outro salto, um vôo rumo a um penhasco lateral, não percebido anteriormente devido à névoa e ao breu.

Não basta ao equilibrista, nesta analogia, ter apenas conhecimentos de sua função, entender como atua a mecânica de peso e contrapeso do corpo. Precisa também identificar como agir em determinadas variações climáticas, nutrir-se de alimentos que potencializem suas energias para a tarefa a que se propôs, entre outros conhecimentos que vão além de apenas os da sua área, onde o que tem relevância é estar preparado para o inesperado.

Assim, se destaca a ideia de lacuna. De uma importância tão grande da dúvida como da solução de problemas. Entendendo esta dúvida não apenas como impulso inicial para uma produção/pesquisa em arte, mas sendo ela mesma a regente de

todo um percurso, que oscila a todo tempo entre o sonho e a razão, como coloca Lancri (2002).

Vida ou morte, equilíbrio ou queda. Uma lufada forte de vento pode deslocar completamente o artista/pesquisador/educador daquilo que ele tinha como certo, do objetivo primeiro de sua pesquisa. Um gesto rápido faz-se urgente, uma mudança rápida no plano.

Uma vertigem repentina de conceitos, um *brainstorm* de possibilidades pode instaurar uma catatonia criogênica, que paralisa e exige um momento de oxigenação. Uma pausa e um novo olhar sereno para o entorno sem perder de vista, no entanto o global.

Lufada

Ao dar o primeiro passo sobre a corda, na travessia do Mestrado em Artes Visuais – *Ensino da Arte e Educação Estética*, o cerne de minha pesquisa consistia em uma análise crítica do mito heróico nas histórias em quadrinhos, sob a perspectiva da arte-educação.

“De Superman a Lampião: O mito heróico nos quadrinhos” dava nome ao anteprojeto inicial.

O que ou quem define um herói? Heróis existem? Herói para quem?

Interessava-me investigar, a partir de um ponto de vista de formação, a contradição entre o paradigma hegemônico de interpretação heróica nos quadrinhos de super-heróis e sua assimilação ou não pelos leitores no contexto brasileiro, no qual a mitologia heróica tem abordagens muito diferentes, e até que ponto estes estereótipos incidem na formação dos sujeitos.

Entretanto, na neblina inicial da caminhada, questionamentos não são plenamente decifrados e a impermanência gera o acaso, o respingo inusitado, a mancha inesperada.

Algumas propostas realizadas para as disciplinas do primeiro semestre do curso fizeram com que eu remexesse o solo de meu projeto, possibilitando a germinação de sementes antes adormecidas.

Regados pela seiva da desconstrução, novos frutos irromperam enquanto potências de pesquisa, mais diretamente alinhados com a arte-educação do que o plantio inicialmente pensado.

O vínculo umbilical com o universo das publicações alternativas, os *fanzines*, acabou por me conduzir a outros interesses, direcionando a investigação à busca por referências de pesquisadores que utilizaram este tipo de publicação enquanto ferramenta pedagógica libertária.

Imaginei ter chegado a um foco de investigação definitivo: Fanzines em sala de aula. Assim poderia desdobrar/recortar/colar/grampear minhas vivências de décadas de envolvimento com estas maravilhas da transgressão gramatical/imagética sedimentadas pelo toner urbano.

Navegando num processo de devires, de possibilidade de estar sempre se reterritorializando a partir de constantes desterritorializações, as placas tectônicas de meus mundos se empurravam abruptamente, criando novos mapas, e a partir deles novos agenciamentos.

Assim sendo, a partir das investigações sobre a utilização do fanzine em sala de aula, configurou-se um olhar diferenciado às experiências de relatos autobiográficos realizados com alunos de desenho e Histórias em Quadrinhos em cursos e oficinas ministrados por mim, anteriores ao ingresso no Mestrado.

Tendo um considerável volume de vivências como oficineiro, procurei nos anos mais recentes, desenvolver dinâmicas cujo intento maior é a autenticidade dos alunos no processo criativo, a partir de seus referenciais mais próximos, seu cotidiano e seu contexto sócio-cultural. Parecia que a chave-mestra havia sido encontrada: *Narrativas autobiográficas em sala de aula, a partir de experiências com fanzines*.

As mudanças de foco, porém, geraram dificuldades de conexão com a proposta original. De uma investigação acerca das interpretações do mito heróico nos

quadrinhos e sua influência na formação dos sujeitos, para os relatos autobiográficos em situações de aprendizagem, foi um salto inesperado e esta nova perspectiva num primeiro momento mostrou-se bem mais prolífica do que a discussão acerca da figura do herói, pois seu ponto de partida era a produção autoral de meus alunos em cursos e oficinas.

Instaurou-se, portanto, o seguinte problema: o que fazer com a primeira proposta, a investigação sobre o mito heróico nos quadrinhos? Eu não pretendia abandonar por completo esta abordagem, visto que está visceralmente ligada ao desenvolvimento de meu imaginário e mitologia pessoais, e daí partira toda uma produção em docência. As propostas de relatos autobiográficos com alunos, não passam, neste caso, de desdobramentos de uma proposta de releitura de minhas mitologias pessoais. Ou seja, a intenção de investigação da temática heróica nas HQs está diretamente ligada às oscilações da minha produção em arte seqüencial (quadrinhos). A atuação enquanto professor e como pesquisador são (con)seqüências de meu trabalho como quadrinista. Portanto a ideia inicial não poderia ser desprezada.

Segundo Leonardo Charréu, um grande número de investigadores em arte-educação começa suas investigações sem uma metodologia estabelecida *a priori*. Foi exatamente assim que comecei minha pesquisa no Mestrado. Experimentando, contrapesando, semeando. Mas agora me encontrava semi-perdido. À minha frente a trilha se dividia em várias outras e a mata era imensa e cheia de ecos. Hora de acampar, sentar e me alimentar.

A/r/tografia

Para investigar é preciso encontrar uma metodologia que faça sentido em arte-educação e estar consciente dela.

As bases do denominado método científico evidenciam uma visão reducionista do ser humano, ao entender a realidade como constituída basicamente de objetos “independentemente” dos sujeitos que a produzem e a conhecem.

As produções textuais acadêmicas, em sua maioria são ainda reféns de formalizações positivistas, que negam a situação do sujeito.

Nos últimos 15 anos, na academia norte-americana e européia, pesquisadores vêm tentando compreender, valorar e conceber a produção em arte como uma modalidade de pesquisa acadêmica.

Isto gerou metodologias de pesquisa atualmente reconhecidas e cada vez mais bem aceitas na academia como a Investigação Baseada nas Artes, IBA, e a Investigação Educacional baseada nas Artes, IEBA. Fruto destas modalidades, encontrei na A/r/tografia, o sustentáculo metodológico para adentrar pela problemática que se colocava, contrapesando contextos que embora interligados apresentavam-se num primeiro momento, distintos.

Esta metodologia coloca o artista/pesquisador/educador no centro da investigação ao considerar sua percepção intrínseca ao processo de pesquisa, a autoralidade na construção de modelos, documentos e procedimentos convenientes ao processo investigativo.

O termo, que me roubou a atenção de início pela própria grafia inusitada, com palavras separadas por barras, é um neologismo que procura agregar três palavras distintas, onde A/R/Tografia é uma metáfora para:

Artist (ARTISTA)
Researcher (PESQUISADOR)
Teacher (PROFESSOR)
Grafia: ESCRITA/REPRESENTAÇÃO

Nas palavras de Fernando Hérnandez, esta modalidade de pesquisa, sob uma perspectiva literária, é

> Aquela que trata de conectar num relato as diferentes formas de experiência dos sujeitos, utilizando, para isso, formas literárias como a poesia, a inserção de diferentes tipos de relatos – inclusive a ficção – com a finalidade de que as histórias a que se referem não só contenham as experiências de quem 'fala' mas que permitam aos leitores encontrar espaços onde vejam refletidas suas próprias histórias. (HERNÁNDEZ, 2013, p. 47)

Mais adiante no mesmo artigo, Hernández afirma:

> Clandinin e Connelly (2000) que podem se considerar como referentes da investigação narrativa, definem como uma característica desta perspectiva metodológica a ideia do investigador como alguém que está dentro, que *sustenta histórias, e não só as*

> *coleta*, que se mostra como um personagem vulnerável e necessariamente em crise. (HERNÁNDEZ, 2013, p. 47)

Contar uma história que permita a outros contar(se) a sua. O objetivo não seria somente apreender a realidade, mas produzir e desencadear novos relatos (HERNÁNDEZ, 2013).

A partir destas novas ferramentas conceituais, pensei minhas especulações acerca do mito heróico nos quadrinhos como parte do meu desenvolvimento enquanto apreciador e criador vinculado a esta arte. Mais ainda, como tendo uma importância fundamental na minha formação pessoal. As indagações a que me propunha quanto à figura do herói eram uma tentativa de dar conta das transformações pelas quais passou minha abordagem acerca do tema tanto no universo fantasioso da criação de personagens quanto na vida pessoal, na medida em que o acervo de personagens e universos criados desde a infância até hoje evidenciam estas desconstruções e novos e constantes agenciamentos (figuras 1, 2, 3, 4).

Fig. 1 – Primeira revista em quadrinhos.
Fonte: Sandro Andrade, 1984

Fig. 2 – Capa de *demo-tape*
Fonte: Sandro Andrade, 1991

Fig. 3 – Fanzine *Zig Zag Cartuns – Patifes*
Fonte: Sandro Andrade, 1998

Fig. 4 – Personagem *Freak, o Neurastênico*
Fonte: Sandro Andrade, 1998

Que cara a pesquisa tem?

A/r/tografia, enquanto uma metodologia de Investigação baseada em Arte permite não apenas o uso de representações visuais, mas diferentes formatos de texto, combinação de várias modalidades narrativas em relatos de investigação.

Esta metodologia privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles encontram-se em momentos de mestiçagem ou hibridização. “Não se trata de buscar uma inspiração do contato com a imagem, mas que a maneira de realizar a pesquisa deva ser em si mesma imaginativa” (HERNÁNDEZ, 2013).

Assim, um sumário que se apresenta enquanto desenho (figura 5), um desenho de uma linha da vida. Visto que é uma pesquisa viva, pois se trata de estar atento à vida no decorrer do processo (IRWIN, 2013).

No Mestrado, me encontro entre a qualificação e a defesa final, e isso deve significar ainda muitas mudanças e estranhamentos, por isso tal configuração é um esboço, um ensaio que se pretende ainda irromper em implosões e explosões, extrapolando a leitura ainda convencional (esquerda para a direita).

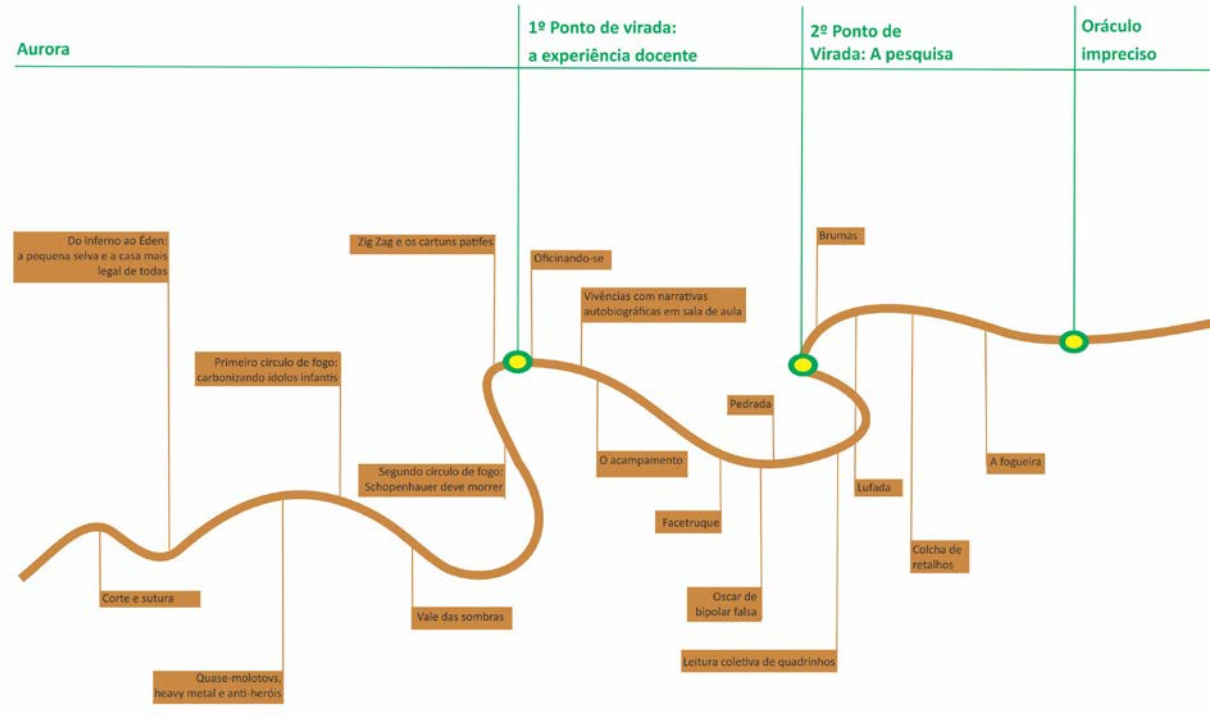

Fig. 5 – Sumário da dissertação
Fonte: Sandro Andrade, 2016

Segundo Belidson Dias (2013), é fundamental olhar para nossas influências e práticas pedagógicas visando gerar uma prática educacional que, promova e critique os modos normalizadores do escrever sobre o saber e conhecer.

Isso só é possível, ao aceitar e ressaltar os princípios da incerteza, da imaginação, da ilusão, da introspecção, da visualização e do dinamismo.

Com base nestas aberturas conceituais, optei por manter uma escrita muito peculiar, muito própria, sem uma preocupação de adequação *a priori* às convenções acadêmicas. Uma escrita que mesmo quando se apresenta autobiográfica, há fendas, crepúsculos, entre-lugares, imaginação, poesia e invenção, como evidenciam os excertos abaixo:

> [...] Enquanto isso, minha mãe preparava bolinhos de chuva conversando com a *Mulher Biônica* na cozinha, e meu pai ia ao bar da esquina tomar uma forte com o *Zé Buscapé*, enquanto eu não entendia como os dois *Zés*, conseguiam se comunicar resmungando daquele jeito. (ANDRADE, 2016, p. 7)
>
> Algum tempo depois, no pós-cirúrgico, enquanto minha mãe fumava um cigarro no corredor, Batman entrou furtivamente pela janela, e me falou sobre força de vontade, pensamento lógico e o ânimo para reagir a situações extremas. (ANDRADE, 2016, p. 12)

> Nuvens cinzentas se empurravam de forma turbulenta no céu de meus dezoito. E o grasnar dos corvos anunciou a chegada de um outro tempo. O sangue de Átila se esparziu. O pavor da existência e a negação da vida passou a ser o capítulo seguinte do meu grimório pessoal. Edgar Allan Poe bateu à minha porta numa daquelas noites. (ANDRADE, 2016, p. 22)

> [...] encontrei Carlos Castañeda conversando com duendes e assistimos juntos ao *Live at Pompei* de 1973 do *Pink Floyd*. Ele me convidou para comer cactos junto com seu grupo de pesquisadores, composto por Timothy Leary, Aldous Huxley e Syd Barret nas ruínas de Stonehenge, onde, por acaso o *Monty Python* estava filmando. (ANDRADE, 2016, p. 26)

A a/r/tografia me possibilitou também, uma terminologia e organização de capítulos que não se alinha com o tradicionalmente apresentado em um texto acadêmico:

Aurora: "Introdução" se tornou neste caso um termo insuficiente para a escrita poética/lúdica que se segue. Aurora é o capítulo de abertura do texto onde narro vivências muito remotas, minha infância e o despertar do interesse em filmes, seriados e histórias em quadrinhos:

> Tinha gosto de união, unidade. Sabor de filmes e seriados assistidos em família. O Dr. Banner rasgava o débil invólucro do homem comum para se transformar no Incrível *Hulk*, deixando um rombo na parede de nossa casa, por onde eu podia ver o *Homem do fundo do mar*, no pátio, passando por maus bocados por estar fora de seu habitat aquático natural. (ANDRADE, 2016, p. 7)

1º e 2º Ponto de Virada: "Ponto de Virada" é um termo utilizado na construção de roteiro. São momentos de passagem, onde geralmente, no primeiro ponto, após uma apresentação do contexto da narrativa, o protagonista encontra sua necessidade dramática, e no segundo o conflito é resolvido (ou não) direcionando ao encerramento da história. Daí a consonância do termo com um texto que é predominantemente narrativo.

Oráculo impreciso: Denominação variante para "Conclusões Finais" visando coesão maior com a abordagem mítica do texto (que evoca termos como relicários, círculos de fogo, jornada do herói, etc).

Considerações

As transformações pelas quais minha investigação passou e passa, configuram-se como fecundas experiências e buscas que não se estancam, mas se transformam

todo o tempo fazendo novas conexões de forma rizomática, exigindo práticas de acompanhamento de processos inventivos.

Sob a ótica da cartografia, metodologia que muito se aproxima da a/r/tografia, a pesquisa é entendida como processo, como movimento de transformação, criando novos problemas e exigindo práticas originais de investigação. Nesta perspectiva, Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup esclarecem que

> [...] o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. Não se trata de mera falta de controle de variáveis. A ausência do controle purificador da ciência experimental não significa uma atitude de relaxamento, de "deixar rolar". A atenção mobilizada pelo cartógrafo no trabalho de campo pode ser uma via para o entendimento dessa atitude cognitiva até certo ponto paradoxal, onde há uma concentração sem focalização. (BARROS, KASTRUP, 2015, p. 57)

A Investigação Baseada nas Artes e a Investigação Educacional Baseada nas Artes criam possibilidades para diminuição das diferenças entre a inadequação da escrita acadêmica e a produção artística e apontam com mais clareza o papel vital que o fazer artístico tem na produção e disseminação de conhecimentos dentro do discurso acadêmico.

Pensar a docência enquanto poética e entender que artista, pesquisador e professor são facetas do mesmo sujeito, significa não apenas estar aberto ao conhecimento científico mas à imaginação artística.

E nas palavras de Hernández (2013), a materialização do processo deveria produzir não só uma nova visão do problema da pesquisa, mas uma nova concepção de nós mesmos.

Referências

ANDRADE, Sandro. Corte e sutura. 74 páginas. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 12/05/2016. Impresso.

ANDRAUS, Gazy. SANTOS NETO, Elydio dos. Dos zines aos biograficzines: narrativas visuais no processo de formação continuada de docentes-pesquisadores. Anais IV

Seminário da Pesquisa em Artes e Cultura Visual, UFG, 2011. V1, p.1457-1461. Disponível em: http://www.fav.ufg.br/seminariodeculturavisual/Arquivos/2011/Anais-SNAPCV-2011-.pdf Acessado em 27/05/2015.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Ed. Cultrix/Pensamento, 1997.

CHARRÉU, Leonardo. Métodos alternativos de pesquisa na universidade contemporânea: Uma reflexão crítica sobre a/r/tography e metodologias de investigação paralelas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (orgs). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

DUARTE JR, Francisco. A montanha e o videogame: escritos sobre educação. Campinas: Papirus, 2010.

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual. Porto Alegre: Mediação Editora, 2007.

KOCK, Klara Friederike; GODOI, Christiane Kleinübing; LENZI, Fernando César. Discussão e prática da autoetnografia: um estudo sobre aprendizagem organizacional em uma situação de catástrofe. Revista Gestão Organizacional, v.5 –nº1, p. 95, 2012.

LANCRI, Jean. Sobre como a noite trabalha em estrela e por quê. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Élida (orgs). O meio como ponto zero. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

LODDI, Laila B. R.; MARTINS, Raimundo. Os respigadores e a respigadora: possíveis mediações culturais. In: II Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, 2009, Goiânia GO. II Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, 2009.

MAGALHÃES, Henrique. O que é fanzine. São Paulo: Brasiliense,1993.

MORIN, Edgar. O método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e Escóssia, Liliana da (orgs). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs.. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

Sandro Silva de Andrade
Mestrando do Curso de Artes Visuais, linha de pesquisa *ensino da arte e educação estética*, pelo Programa de Pós-Graduação do Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da Prof. Dra. Nádia da Cruz Senna.